

A INFLUÊNCIA DO *TRACTATUS* DE WITTGENSTEIN NO SUPERAÇÃO DA METAFÍSICA DE CARNAP*

THE INFLUENCE OF WITTGENSTEIN'S *TRACTATUS* ON CARNAP'S *ELIMINATION OF METAPHYSICS*

Thauan Soares**

Mirian Donat***

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar as principais noções do *Tractatus logico-philosophicus*, de Ludwig Wittgenstein, que influenciaram a tese de superação da metafísica proposta por Rudolf Carnap em seu ensaio *Superação da metafísica*. Em primeiro lugar, será analisada a influência geral de Wittgenstein sobre o Círculo de Viena, evidenciando como suas ideias moldaram o pensamento dos membros desse movimento, especialmente no que diz respeito à crítica da metafísica. Em seguida, exploraremos a construção dos argumentos de Carnap em *Superação da metafísica*, destacando sua tentativa de deslegitimar discursos metafísicos, que, segundo ele, carecem de sentido lógico. Por fim, o foco recairá sobre os aspectos específicos do *Tractatus* que foram centrais para a formação da postura antimetafísica de Carnap, particularmente a ideia de que a filosofia deve esclarecer o uso da linguagem, em vez de criar proposições sobre o mundo. Com isso, busca-se entender em que medida Wittgenstein forneceu a base conceitual para o projeto de Carnap de delimitar os limites da linguagem e redefinir o papel da filosofia, posicionando-a como uma atividade analítica e crítica da linguagem e não como uma disciplina com pretensões de verdade ontológica.

PALAVRAS-CHAVE: Carnap; Wittgenstein; superação da metafísica; *Tractatus*; filosofia da linguagem.

ABSTRACT

This article aims to investigate the main notions from Ludwig Wittgenstein's *Tractatus logico-philosophicus* that influenced Rudolf Carnap's thesis on the elimination of metaphysics, as presented in his essay *The Elimination of Metaphysics*. First, we analyze Wittgenstein's general influence on the Vienna Circle, showing how his ideas shaped the thinking of its members, particularly regarding their critique of metaphysics. Next, we explore Carnap's arguments in *Elimination of metaphysics*, emphasizing his attempt to delegitimize metaphysical discourse, which he viewed as lacking logical meaning. Finally, the focus will be on the specific aspects of the *Tractatus* that were central to Carnap's development of an anti-metaphysical stance, especially the idea that philosophy should clarify the use of language rather than generate propositions about the world. Through this analysis, we aim to understand the extent to which Wittgenstein provided the conceptual foundation for Carnap's project to delineate the limits of language and redefine the role of philosophy, positioning it as an analytical and critical examination of language rather than a discipline with claims to ontological truth.

KEYWORDS: Carnap; Wittgenstein; elimination of metaphysics; *Tractatus*; philosophy of language.

* Artigo recebido em 22/06/2025 e aprovado para publicação em 30/06/2025.

** Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestre e Graduado em Filosofia pela mesma instituição. E-mail: thauan.santos.soares@uel.br.

*** Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Filosofia pela PUCRS. Professora adjunta da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: donat@uel.br.

INTRODUÇÃO

Em agosto de 1929, o movimento filosófico do Círculo de Viena se projeta ao mundo por meio da publicação de seu “Manifesto”, que apresenta e consolida uma nova forma de abordar a ciência e a filosofia no pensamento contemporâneo. Os principais membros desse movimento foram Moritz Schlick, Kurt Gödel, Hans Hahn, Otto Neurath, Viktor Kraft e Rudolf Carnap. Um grupo bastante heterogêneo, composto por intelectuais de diversas áreas, com projetos e interesses distintos, mas que se reuniam para discutir filosofia e perseguir um objetivo comum: a ciência unificada.

A ideia de uma ciência unificada está longe de ser a redução das ciências a um único campo de pesquisa ou estudo, como a física ou a biologia, é na verdade a unificação das linguagens da ciência em uma linguagem lógica e objetiva que não incorreria em confusões semânticas tais quais as linguagens naturais ou históricas. Essa unificação possibilitaria que os termos da ciência possuíssem exclusivamente um significado determinado e único; dessa forma, os dados empíricos seriam capazes de unificar diferentes teorias, permitindo o intercâmbio de ideias, entre pesquisadores de diferentes áreas, sobre uma base empírica comum, o que viria a contribuir para o progresso e desenvolvimento da ciência (Hahn; Neurath; Carnap, 1986, p. 12-13).

Uma importante questão que deveria ser superada para que o projeto de unificação da linguagem científica atingisse êxito é a separação desta da metafísica. Os filósofos do círculo buscaram no *Tractatus* de Wittgenstein noções e conceitos que os auxiliassem na estruturação de uma linguagem que possuísse critérios claros para identificar e separar enunciados empíricos de enunciados metafísicos. Nesse contexto, o artigo *A superação da metafísica por meio da análise lógica da linguagem* (Carnap 2016)¹ é um importante exemplo, principalmente por seu caráter didático, da incorporação das noções de Wittgenstein em favor do projeto comum do Círculo de Viena.

¹ O título original do artigo de Carnap, publicado no segundo volume da revista *Erkenntnis* em 1931, é *Überwindung der Metaphysik durch logische Analyse der Sprache*. Na tradução inglesa, o termo *Überwindung* foi vertido como *Elimination*, enquanto na versão brasileira optou-se por traduzir *Überwindung* como “Superação”. Consideramos essa escolha da versão brasileira mais próxima ao sentido original, pois *Überwindung* sugere um processo de “superação” ou “transcendência” – uma forma de ultrapassar e resolver as dificuldades inerentes à metafísica, em vez de simplesmente descartá-la ou eliminá-la. Essa *nuance*, presente no termo alemão, aponta para um esforço construtivo de substituir a metafísica por uma análise lógica da linguagem, em vez de apenas suprimi-la.

Partindo dessas observações iniciais, este artigo possui como objetivo apresentar as principais contribuições do pensamento que Wittgenstein (2017) desenvolve em seu *Tractatus logico-philosophicus* para a noção de superação da metafísica que Carnap (2016) expõe em seu artigo *Superação da metafísica*. Para atingi-lo devemos primeiramente nos debruçar sobre o impacto e a influência que a leitura do *Tractatus* teve sobre o Círculo de forma geral. Em um segundo momento, apresentaremos uma reconstrução da crítica à metafísica e à filosofia tradicional realizada por Carnap no *Superação da metafísica*. Só assim estaremos aptos para tentar compreender a influência de Wittgenstein *sobre* as noções carnapianas de superação da metafísica.

1 A INFLUÊNCIA DO *TRACTATUS* SOBRE O CÍRCULO DE VIENA

Em 1926, ao ser recrutado por Moritz Schillick para a Universidade de Viena, Carnap se juntou ao Círculo logo após se mudar para a cidade. Nos encontros, os participantes analisaram e discutiram linha por linha do *Tractatus* de Wittgenstein. Em sua autobiografia intelectual, Carnap (1963, p. 27, tradução nossa) reconhece que

[...] o pensamento do [...] Círculo foi fortemente influenciado pelas ideias de Wittgenstein. Primeiro devido à nossa leitura comum do *Tractatus* e mais tarde em virtude da exposição sistemática feita por Waismann de certas concepções de Wittgenstein, com base em suas conversas com ele.

Dessa forma, muitos pontos de vistas expressos no *Tractatus* foram aceitos pelos membros do Círculo, porém, apenas quando essas noções se ajustavam às concepções básicas de cada um ou as complementavam (Carnap, 1963, p. 23-24). A principal ideia abraçada e adaptada pelo Círculo foi a Teoria Pictórica da Linguagem ou Teoria da Proposição como Modelo do Fato. A Teoria Pictórica pressupõe a existência de um paralelismo logicamente rigoroso entre a proposição e o fato que ela descreve. Ao rejeitar o psicologismo como explicação da relação entre proposição e fato, Wittgenstein assume o desafio de construir essa explicação sobre termos puramente lógicos, deixando de lado a tendência natural – principalmente em sua época – de, ao tratarmos do sentido, invocarmos explicações baseadas em mecanismos psicológicos. Dessa forma, o que confere sentido a uma sentença, segundo Wittgenstein, é sua própria natureza como imagem lógica de um fato.

Quando, no interior de uma proposição, o nome significa um objeto, ou seja, substitui este objeto na proposição. Os objetos não exprimem sentido, eles apenas constituem o significado do nome (Wittgenstein, 2017, §3.203; 3.22)². Já a proposição descreve, não nomeia, um fato, pois “só fatos podem exprimir um sentido” (Wittgenstein, 2017, §3.14). No entanto, que os nomes não possuem sentido, mas significado, mostra o papel que ocupam no que Wittgenstein (2017, §3.23) chama de “postulado do caráter determinado do sentido”. Esse postulado nos diz que: 1) toda proposição complexa deve possuir um sentido determinado; 2) o sentido da proposição complexa deriva da presença de sentido das proposições elementares que a formam, e 3) o sentido determinado das proposições elementares deriva das ligações imediatas dos nomes que a compõem.

Justamente pela proposição denotar fatos e não objetos que podemos concluir que ela possui sentido, mas não um significado. Como mostrado acima, o significado é uma relação direta e *a priori* entre nome e objeto, mas uma proposição nada nomeia. Fatos são descritos, mostrando a configuração das coisas no mundo caso a proposição que o descreve seja verdadeira. Assim, as proposições não podem ter sua verdade determinada de forma *a priori* (Wittgenstein, 2017, §2.225). A proposição com sentido guarda em si a possibilidade de ser tanto verdadeira quanto falsa, ou seja, bipolar (Wittgenstein, 2017, §2.21). Somente quando comparadas com a realidade é que as proposições podem receber seu valor verdade (Wittgenstein, 2017, §2.223).

Nessa perspectiva, o significado de um nome emana do objeto que ele denota (Wittgenstein, 2017, §3.203). A forma com que os nomes se interligam na proposição deve refletir a forma que os objetos estão organizados em um determinado fato atômico (descrito por uma proposição atômica) que pode ou não compor um fato complexo (descrito pelas proposições complexas). Dessa forma, a proposição com sentido é uma figuração do fato que ela descreve. Ou seja, a proposição é um modelo – uma figura – que busca representar um

² No *Tractatus logico-philosophicus*, Wittgenstein estrutura seu texto em uma série de aforismos numerados, que seguem um sistema hierárquico específico. Cada aforismo principal recebe um número inteiro (por exemplo, 1, 2, 3) que indica sua posição central no desenvolvimento da argumentação. Os aforismos subordinados são numerados com decimais que se ramificam a partir do aforismo principal, indicando níveis de detalhamento progressivo (por exemplo, 1.1, 1.2, 1.21). Dessa forma, o número do aforismo reflete não apenas sua sequência no texto, mas também sua relação estrutural e argumentativa com os demais. Esse sistema permite que o leitor acompanhe o desenvolvimento do raciocínio de forma precisa, observando como cada proposição se conecta às anteriores e às seguintes dentro da lógica do texto. Para a citação e referência aos aforismos ao longo deste trabalho, utilizaremos essa numeração hierárquica – presente em todas as boas edições e traduções dessa obra – em vez das páginas.

fato por meio de uma coordenação entre os elementos que a compõem com a disposição dos elementos do fato no mundo que ela pretende descrever.

A teoria pictórica fornece para o Círculo algumas elucidações sobre problemas históricos do empirismo que interessavam particularmente aos participantes. O principal deles foi a solução que Wittgenstein oferece ao problema platônico sobre o estado cognitivo da matemática. Esse problema, esboçado pela primeira vez no diálogo *Mênon* de Platão, consiste na dificuldade de encontrarmos fundamentação empírica para os conhecimentos advindos da matemática, o que nos leva a refletir sobre a possível existência de conhecimentos a priori. Wittgenstein, mesmo não sendo um empirista, apresenta uma solução para esse problema.

Segundo Paulo Margutti Pinto (1998, p. 227; Wittgenstein, 2017, §6.2341), as proposições da matemática são igualdades expressas por meio das equações matemáticas, ou seja, o método matemático consiste essencialmente no trabalho com as equações. Dessa forma, o sinal de igualdade assume um papel essencial nas equações. Para Wittgenstein, a igualdade, que representa identidade, não pode existir em uma relação entre objetos (Wittgenstein, 2017, §5.5301). A igualdade é uma representação tautológica de uma necessidade lógica, isso quer dizer que ela não diz nada sobre o mundo (Wittgenstein, 2017, §5.5303). Isso nos mostra que, da mesma forma que as proposições da lógica, as equações da matemática são pseudoproposições (Wittgenstein, 2017, §6.2).

No entanto, Wittgenstein também ofereceu alguns problemas para o Círculo. Proposições que buscam dizer algo sobre a própria natureza da linguagem e do mundo, como o próprio *Tractatus* e as leis da física, também acabam por se mostrar como contrassensos, isto é, o que Wittgenstein tentou dizer, na verdade não pode ser dito, apenas mostrado. Dessa forma, segundo A. W. Carus (2007), o Círculo, de modo geral, empreendeu a importante tarefa de estender a pura teoria da linguagem do *Tractatus* em direção ao empirismo, buscando abranger a possibilidade de falarmos sobre leis físicas e sobre elucidações metalinguísticas. Dessa forma, com certas modificações, a concepção de significado de Wittgenstein se transformou em uma das bases dos diversos projetos desenvolvidos pelos participantes do Círculo de Viena, especialmente no projeto de superação da metafísica de Rudolf Carnap.

2 A CRÍTICA À FILOSOFIA TRADICIONAL E À METAFÍSICA NO ARTIGO *SUPERAÇÃO DA METAFÍSICA DE CARNAP*

O artigo *Superação da metafísica por meio da análise lógica da linguagem* — publicado em 1931 na revista *Erkenntnis* — de Rudolf Carnap pode ser considerado um marco na história de uma das mais influentes correntes da filosofia do século XX. Sua publicação impactou positivamente as doutrinas desenvolvidas por vários pensadores que compunham o que conhecemos por empirismo lógico. Como exemplo notável dessa influência, podemos citar o primeiro capítulo de *Linguagem, verdade e lógica* de A. J. Ayer, de 1936, cujo título é “A eliminação da metafísica”.

Superação da metafísica é uma versão revisada de uma conferência que Carnap realizou em novembro de 1930 na Universidade de Varsóvia. Nesse artigo, o filósofo retoma importantes concepções já enunciadas previamente no Manifesto do Círculo de Viena de 1929³, assinado por Hans Hahn, Otto Neurath e Rudolf Carnap. A seção “A concepção científica do mundo”, do “Manifesto”, contém uma importante declaração contra a metafísica que se alinha bastante com o que ainda irá desenvolver em seu *Superação da metafísica*. Nessa seção, os autores defendem que o objetivo da concepção científica do mundo é chegar a uma ciência unificada, ou seja, “ligar e harmonizar entre si os resultados obtidos pelos pesquisadores individuais dos diferentes domínios científicos” (Hahn; Neurath; Carnap, 1986, p. 10).

A ciência unificada é também um esforço para o desenvolvimento de um sistema total de conceitos neutros de simbolismos. Nesse sistema não há espaço para os problemas tradicionais da filosofia que na sua maioria são considerados pseudoproblemas, e quando não o são se caracterizam como problemas empíricos e devem ser deixados sob os cuidados da ciência. Dessa forma, a tarefa da filosofia é esclarecer problemas e enunciados científicos, e não propor seus próprios enunciados filosóficos (Hahn; Neurath; Carnap, 1986, p. 10). Dessa forma, podemos concluir que o “Manifesto” de 1929 compõe o quadro geral sob o qual os argumentos a favor da superação da metafísica vão ser tecidos.

Na obra de 1931, Carnap busca estabelecer a diferença entre a sua crítica à metafísica de outras já realizadas no decorrer da história do pensamento. Segundo ele, algumas dessas

³ O Manifesto intitula-se: *A concepção científica do mundo*: o Círculo de Viena; foi escrito com o objetivo de ser apresentado no congresso da Sociedade Ernst Mach e da Sociedade de Berlim para a Filosofia Empírica em 1929. Esse manifesto foi dedicado a Moritz Schlick.

críticas consideravam, a partir de uma posição empirista, a metafísica como falsa; outras a colocavam como inalcançável por estar além das possibilidades do conhecimento humano; e ainda existiam aqueles para quem metafísica é sinônimo de esterilidade, por ser irrelevante aos problemas concretos humanos (Carnap, 2016). Porém, nessa obra Carnap busca nos mostrar que o desenvolvimento da lógica moderna proporcionou uma maneira de realizar uma superação radical da metafísica de maneira ainda não contemplada pelos antimetafísicos anteriores.

A partir da análise lógica é possível mostrar que as declarações metafísicas não são necessariamente falsas, mas sem-sentido (*sinnlos*). Ou seja, as sentenças metafísicas são sequências de palavras que aparentam declarar algo sobre o mundo, mas que na verdade falham em fazê-lo. A falta de sentido nessas sentenças deriva principalmente de duas falhas na construção da sentença: 1) uma das palavras que constituem a sentença parece possuir significado, mas na verdade não possui; e 2) mesmo que todas as palavras que compõem a sentença possuam significado, a sentença em si não está de acordo com a sintaxe lógica da linguagem (Carnap, 2016).

A falha número um, apresentada acima, deriva do critério de significado de uma palavra que Carnap descreve em seu texto. Uma palavra *x* só possui significado se e somente se cumprir duas condições: a) seu modo de ocorrência em uma proposição elementar deve estar determinada, $S(x)$ ⁴; b) o método de verificação de $S(x)$ é conhecido (Carnap, 2016). A partir desses critérios, Carnap busca mostrar que as palavras que geralmente compõem o jargão metafísico não possuem sentido. Algumas palavras que ocorrem frequentemente na metafísica são: o Absoluto, o Incondicionado, o Infinito, o ser do ente, a coisa em si, entre vários outros citados por Carnap (2016, p. 102).

Para exemplificar, vamos tentar entender como o filósofo analisa a palavra “Deus”. Carnap distingue três casos ou períodos diferentes do uso da palavra “Deus”, o mitológico, o metafísico e o teológico (Carnap, 2016, p. 101). O uso mitológico se caracteriza por atribuir um significado claro a essa palavra, como, por exemplo, os seres imortais que habitam cidades celestiais com o Monte Olimpo e Asgard e que se revelam “nas coisas e processos do mundo visível e, por isso, eram empiricamente constatáveis” (Carnap, 2016, p. 101). O uso

⁴ Para nos ajudar a compreender, Carnap (2016, p. 97) exemplifica: “A forma proposicional elementar da palavra ‘pedra’ é, por exemplo, ‘*x* é uma pedra’; nas proposições com essa forma, há no lugar de ‘*x*’ qualquer designação pertencente à categoria das coisas, por exemplo, ‘este diamante’, ‘esta maçã’”.

metafísico, por sua vez, ao proclamar “Deus” como algo supraempírico, retira dessa palavra quaisquer condições empíricas para a sua aplicação, o que significa não especificar as condições para a verificação para as frases onde ocorre. Por fim, o uso teológico anda na corda bamba entre o emprego mitológico e o metafísico.

A segunda falha que conduz à produção de pseudoproposições deriva do fato de que as sintaxes das gramáticas das línguas naturais humanas são logicamente imperfeitas. Principalmente porque, nas palavras de Carnap (2016, p. 102), elas “não cumpre[m] inteiramente a tarefa de excluir combinações de palavras sem-sentido”. Em uma linguagem construída de modo a ser logicamente correta, as pseudoproposições não existiriam, pois elas nem sequer poderiam ser construídas. Em decorrência disso, nessa linguagem as pseudoproposições metafísicas também estariam impedidas. Para exemplificar, Carnap se utiliza de passagens famosas da obra *O que é metafísica?*, de Heidegger (1983), buscando principalmente identificar seus efeitos negativos.

Dessa forma, Carnap define a metafísica como um conjunto de pseudoenunciados sem-sentido formados por combinações de palavras carentes de significado. Para Carnap, só existem dois tipos de proposições genuínas (dotadas de sentido). O primeiro tipo são as tautologias e contradições que o filósofo identifica com os juízos analíticos de Kant e suas respectivas negações (Carnap, 2016, p. 110). Essas proposições são verdadeiras apenas em razão de sua forma e por isso não dizem nada sobre o mundo – exemplos desse tipo de proposição são as fórmulas da lógica e da matemática. O segundo tipo são as proposições empíricas, que possuem a possibilidade de ser verdadeira ou falsa, da ciência. Esse tipo de proposições são as únicas que possuem um real significado cognitivo, pois não pode haver conhecimento da realidade que seja independente da experiência (Carnap, 2016, p. 111).

O que sobra, então, para a filosofia? Para Carnap, a filosofia deve se afastar de sua tendência de construir teses metafísicas e ontológicas sobre a natureza, o mundo, o cosmo, etc. Dizer algo sobre a realidade faz parte do papel da ciência, pois suas proposições empíricas são as únicas que satisfazem os critérios de verificabilidade. O que resta para a filosofia, como anuncia Carnap, é um método, o método de análise lógica (Carnap, 2016, p. 111). Assim, o papel da filosofia é eliminar as pseudoproposições e clarificar conceitos e proposições significativas e, desse modo, estabelecer os fundamentos para a ciência.

No entanto, de forma a não descartar totalmente o valor da metafísica e de grande parte da filosofia tradicional, Carnap conclui que ainda que esses escritos não possuam conteúdo empírico e, por isso, não digam nada sobre estados de coisas, “elas servem para

expressar um sentimento vital” (Carnap, 2016, p. 112). O grande erro do metafísico é pensar que com suas proposições ele está descrevendo as coisas como são. Mas o que ocorre de fato é que ele não está denotando nada. Sua atividade está mais próxima à de um artista, que busca *expressar* algo sobre a vida, do que a de um cientista que descreve o estado de coisas no mundo. Ironicamente, Carnap anuncia: “[os] metafísicos são músicos sem talento musical”.

3 A INFLUÊNCIA DO TRACTATUS SOBRE O SUPERAÇÃO DA METAFÍSICA

A influência tractariana no *Superação da metafísica* está longe de ser velada. Na verdade, ela é enunciada claramente em uma nota de rodapé que diz: “[sobre] a concepção lógica e epistemológica em que nossa exposição se baseia, [...], cf. Wittgenstein, *Tractatus logico-philosophicus*, 1922” (Carnap, 2016, p. 100, nota 4). Duas foram as principais noções tractarianas que influenciaram as ideias apresentadas por Carnap em seu artigo. A primeira consiste em um esclarecimento sobre a natureza dos problemas filosóficos.

Durante toda a história da filosofia ocidental surgiram novas e diferentes concepções sobre o que seriam os problemas filosóficos e qual seria a melhor forma de resolvê-los. Muitas vezes, principalmente a partir da modernidade, esses problemas recebem a forma de um problema científico, o que nos passa a falsa impressão que são apropriadamente formulados. Além disso, a “forma científica” nos leva a acreditar que poderemos encontrar uma resposta para os problemas filosóficos por meio da investigação de fatos relacionados ao problema.

Em sua obra intitulada *Tractatus logico-philosophicus*, Wittgenstein (2017) se opõe veementemente a esse ponto de vista sobre os problemas da filosofia. De forma bastante radical, Wittgenstein (2017, prefácio, p. 125) concebe os problemas da filosofia como pertencendo ao domínio da lógica dos nossos conceitos, sendo eles, na maioria das vezes, mal entendidos ou confusões sobre a lógica da nossa linguagem. Wittgenstein (2017, §4.003) observa que

[...] a maioria das proposições e questões que se formularam sobre temas filosóficos não são falsas, mas contrassensos. Por isso, não podemos de modo algum responder a questões desta espécie, mas apenas estabelecer seu caráter de contrassenso. A maioria das questões e proposições dos filósofos provém de não entendermos a lógica de nossa linguagem.

O autor nos mostra que a filosofia desde sempre esteve repleta de confusões fundamentais (Wittgenstein, 2017, §3.324). Dessa forma, a crítica à filosofia tradicional e seus pseudoproblemas é consequência direta de sua crítica à linguagem. Ao buscar esclarecer os limites da linguagem, Wittgenstein também acaba por estabelecer as condições de possibilidade para o discurso científico. Ou seja, filosofia e ciência não ocupam o mesmo lugar em relação ao quadro de nosso conhecimento, nas palavras de Wittgenstein (2017, §4.111): “‘filosofia’ deve significar algo que esteja acima ou abaixo, mas não ao lado, das ciências naturais”.

Em segundo lugar, Carnap enxerga a condição de sentido de Wittgenstein como germe de um princípio de verificabilidade de enunciados científicos. Ser uma proposição dotada de sentido é ser uma proposição empírica e contingente; assim, as condições que determinam a possibilidade de uma proposição ser a priori são as mesmas condições que determinam a sua impossibilidade de possuir um sentido. A essa condição sobre a possibilidade de sentido da proposição chamamos de bipolaridade. A bipolaridade possui como base a teoria pictórica da linguagem abordada no segundo tópico deste artigo.

Proposições complexas (ou moleculares) recebem seu sentido por meio da articulação das proposições elementares que a constituem. Dessa maneira, esclarecer o sentido de uma proposição molecular é esclarecer o sentido dos átomos que a formam, as proposições elementares. Segundo Wittgenstein (2017, §4.2), “o sentido da proposição é sua concordância e discordância com as possibilidades de existência e inexistência dos estados de coisas”. Em outras palavras, o sentido de uma proposição é a sua capacidade de estar de acordo ou desacordo com um estado de coisas na *realidade*. A realidade, como descrita por Wittgenstein no parágrafo 2.06, é a totalidade dos estados de coisa que se efetivam no mundo⁵ ou não. “A realidade deve, por meio da proposição, ficar restrita a um sim e um não. [...]. A proposição é a descrição de um estado de coisas. [...] a proposição descreve a realidade pelas propriedades internas [forma lógica] que esta possui” (Wittgenstein, 2017, §4.023).

As proposições significativas podem ser elementares ou complexas. As elementares são contingentes por natureza, ou seja, guardam em si a possibilidade de serem empiricamente verdadeiras ou falsas, isso porque elas descrevem estados de coisas que também são contingentes. Proposições complexas só podem ser necessárias e a priori caso sejam

⁵ “O mundo é tudo o que é o caso” (Wittgenstein, 2017, §1).

tautologias ou contradições⁶, mas sendo assim, elas nada dizem sobre a realidade, pois “[...] tautologia e contradição não são figurações da realidade. Não representam nenhuma situação possível. Pois aquela que admite *toda* situação possível, esta não admite nenhuma” (Wittgenstein, 2017, §4.462).

No parágrafo 2.225 Wittgenstein nos diz que “[...] uma figuração verdadeira *a priori* não existe”, ou seja, somente estados de coisas contingentes podem ser figurados. Nós não podemos conhecer a verdade ou falsidade da figuração de forma isolada, para determiná-la devemos compará-la com a realidade. Dessa maneira, uma figuração é verdadeira se o estado de coisas, contingente por natureza, que ela representa é efetivado no mundo, caso contrário ela é falsa. Assim, somente por meio da experiência poderíamos determinar se a figuração é verdadeira (Wittgenstein, 2017, §4.024).

Da condição de sentido expressa no *Tractatus* deriva-se diretamente a concepção de filosofia expressa nessa obra. Em geral, as sentenças e afirmações da filosofia são não empíricas e por conta disso um contrassenso, e o *Tractatus* não é exceção. Seu caráter de contrassenso advém da tentativa de se demonstrar por meio delas alguma característica necessária da realidade, mas não há necessidade na realidade, “só há necessidade lógica” (Wittgenstein, 2017, §6.37). Dessa forma, estaríamos tentando expressar por meio da proposição algo que nem sequer pode ser dito. Por consequência, o papel da filosofia, para o Wittgenstein do *Tractatus* e para Carnap, não é propor novas teorias sobre a realidade, mas sim é ser uma atividade de elucidação das proposições, tornando claros e delimitando os pensamentos. Filosofia “é o esclarecimento lógico do pensamento” (Wittgenstein, 2017, §4.111).

O resultado da filosofia não são “proposições filosóficas”, mas é tornar proposições claras (Wittgenstein, 2017, §4.112).

O método correto da filosofia seria propriamente este: nada dizer senão o que se pode dizer; portanto, proposições da ciência natural – ou seja, algo que nada tem a ver com filosofia; e então, sempre que alguém pretendesse dizer algo de metafísico, mostrar-lhe que não conferiu significado a certos sinais em suas proposições. Esse método seria para ele insatisfatório – não teria a sensação de que lhe estivéssemos ensinando filosofia; mas *esse* seria o único rigorosamente correto (Wittgenstein, 2017, §6.53).

⁶ Ao observar os grupos possíveis de condições de verdade em suas tabelas de verdade, Wittgenstein identifica dois casos extremos: “Num dos casos, a proposição é verdadeira para todas as possibilidades de verdade das proposições elementares. [...] No segundo caso, a proposição é falsa para todas as possibilidades de verdade. [...] No primeiro caso, chamamos a proposição de tautologia; no segundo caso, de contradição” (Wittgenstein, 2017, §4.46).

Dessa forma, a compreensão do papel da filosofia que Carnap apresenta no *Superação* (2016) – a saber, a filosofia como método de análise lógica – deriva das noções expressas por Wittgenstein no *Tractatus*. Peter Hacker (2001, p. 325) a nomeia como “não cognitiva [*non-cognitive*]”. Em suma, essa concepção nega a possibilidade de existência de quaisquer proposições ou teses filosóficas, limitando a prática da filosofia à elucidação de proposições e superação dos pseudoproblemas filosóficos.

CONCLUSÃO

Podemos então concluir que as principais contribuições do *Tractatus* (Wittgenstein, 2017) para a *Superação da metafísica* (Carnap, 2016) foram: 1) o esclarecimento de que as proposições da lógica e da matemática se tratam sempre de tautologias ou contradições, e por causa disso nada dizem sobre o mundo; 2) não pode haver proposições na filosofia, pois elas são destituídas de sentido (“contrassensos” no *Tractatus* e ‘sem-sentido’ no *Superação*), existem apenas elucidações filosóficas de proposições da ciência; e 3) Carnap aceita a noção da natureza bipolar da proposição com sentido e a transforma em um Princípio de Verificação para sentenças científicas.

Porém, mesmo Carnap estando de acordo com diversas definições expressas por Wittgenstein no *Tractatus*, na realidade, existem importantes diferenças que seguem da interpretação *sui generis* que Carnap – e outros participantes do Círculo – realiza de algumas noções contidas no *Tractatus*. Grande parte delas tem origem na rejeição de Carnap em relação aos pressupostos metafísicos expostos por Wittgenstein. Em outras palavras, Carnap negou a existência de necessidades infáveis ao não assumir a posição tractariana de que a lógica é transcendental e representa a armação do próprio mundo. Como consequência, o filósofo também rejeita a existência de uma metafísica infável – o Bem, o Belo e Deus, o que Wittgenstein considera como realmente importante (Wittgenstein, 2017, §6.41-6.421; 6.52-6.522) – que não pode ser dita, mas que se mostra na linguagem. Na verdade, Carnap assume uma posição menos metafisicamente comprometida, por assim dizer, quando fala da metafísica como uma expressão de algo sobre a vida.

É interessante também ressaltar que, ao tempo em que Carnap estava desenvolvendo seu artigo com auxílio das ideias do *Tractatus*, Wittgenstein estava passando por um processo de mudança radical em sua filosofia e em seu modo de enxergar a linguagem e a natureza humana. Essa transformação foi acarretada principalmente por insatisfações e mudanças de

perspectivas em relação ao próprio *Tractatus*, e dela nascerá uma nova forma de realizar a crítica à metafísica e à filosofia tradicional.

REFERÊNCIAS

CARNAP, Rudolf. Superação da metafísica pela análise lógica da linguagem. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 95-115, 2016.

CARUS, André W. **Carnap and twentieth-century thought: explication as enlightenment**. Leiden: Cambridge University Press, 2007.

CAVASSANE, Ricardo Peraça. **A concepção de filosofia de Wittgenstein**. 2013. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.

HACKER, Peter Michael Stephan. **Wittgenstein: connections and controversies**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

HAHN, Hans; NEURATH, Otto; CARNAP, Rudolf. A concepção científica do mundo – o Círculo de Viena. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, Campinas, v. 10, p. 5-20, 1986.

KANEV, Alexander. Meaning, a prioricity and reality: Wittgenstein's critique of traditional philosophy. **DialoguE – E-journal**, Svishtov, v. 6, n. 1, p. 1-35, 2007.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. **Iniciação ao silêncio: uma análise argumentativa do Tractatus de Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 1998.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logico-philosophicus**. 3. ed. Tradução de Luiz Henrique L. Santos. São Paulo: Edusp, 2017.